



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 17 de Setembro de 1983 * Ano XL — N.º 1031 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

● O lindo vale com seus canteiros de milheirais, delimitados por frondosas latadas, faz de sopé a duas encostas verdes, cinzeladas por telhados vermelhos e duas torres que assinalam as duas freguesias.

A mesma hora, como em despique combinado, explodiu o ribombar dos foguetes — mas com tal intensidade que mais parecia uma guerra.

— São as festas das primeiras Comunhões — disse alguém.

Tão lindas as crianças nos seus enfeites brancos! Cada, um mundo a girar em sua esfera pequenina — da família e da paróquia.

— É a festa mais bonita!

— Olhe que houve famílias que deram 20 contos e outras 10, para o fogo!

— Cada cem famílias, mil contos!

— Pois, mas sempre é melhor do que metralha!

Mas muito melhor e mais belo seria se os cristãos, antes das Comunhões dos filhos, depusessem no altar o dinheiro dos foguetes para ajuda de dois caseiros pobres que, nas referidas aldeias, estão a construir as suas casinhas com tanta luta e sacrifício. Nunca mais as crianças esqueceriam... Este gesto fraterno e cristão daria beleza à sua vida inteira.

Além disso, não está certo que os adultos — por motivo duma primeira Comunhão — façam e gozem a festa como sua, roubando-lhe o sentido, a beleza e o encanto; e o que é mais grave ainda, desvirtuando a Mensagem pura e simples do Evangelho.

● Que bom se todos nós aprendêssemos a entrar no mundo das crianças...!

Verdadeiro Palácio de Cristal! É tudo puro e transparente. Não há labirintos. Todas as avenidas de bucho levam a uma fonte — e esta vem dum regato.

Deixemos saltitar a água de pedra em pedra — em risos com as «gotinhas» de sol!

Nunca ponhamos terra para regar a nossa horta.

● Recordo, com tristeza, algures, um Dia Mundial da Criança:

Os adultos despacharam as crianças, à pressa, com uns pacotes de bolos e nebuçados... A seguir, banquetearam-se e fizeram farra toda a noite, à saúde dos meninos. Pagão e diabólico!

● Ele (não digo o nome) é uma criança encantadora! Tem cinco anos. A mãe não sabemos bem o que faz. Vemos que o filho fica muito triste quando ela o vem visitar e se vai...

Há qualquer coisa no seu mundo pequenino-grande que nos escapa. Uma sede de ternura nos seus olhos de azeitona!

Muitas vezes, depois do almoço, quando vamos tomar café ao nosso bar, ele põe-se a meu lado e acompanha-me. Antes de tomar, dou-lhe sempre três colherinhas. Ele sabe, de olhos semi-cerrados, num encantamento. Tomo o resto tentando mergulhar o meu coração no seu mundo infantil — tão sedento de afecto.

Continua na quarta página



Quantos pais

— vegetando

nos bairros

da lata, nos barredos

— cuja miséria ainda

não lhes teria

ofuscado o sentido

da Paternidade,

gostariam de saborear,

nas areias finas

da praia,

a santa alegria

destes seus filhos

— cujo tecto é, hoje,

a Obra da Rua!

ENCONTRO DE FAMÍLIA

Foi um pedacinho de tarde feliz que roubei ao seu descanso, no regresso de um recado meu. Na véspera, um telefonema convocara-nos, quanto antes, ao seu restaurante, a buscar uma remessa de bacalhau. Pelo seu velho «nome de guerra», com que muito simplesmente se apresentou, sabia já ao encontro de quem ia. O que não sabia é que ia também achar o Fernandinho que, há meses, me dissera estar trabalhando com um Rapaz que fora do Tojal, mas cujo nome autêntico, então, me não revelou a sua identidade.

Tivemos, pois, um pequenino encontro de família que agora partilho com a grande Família, sabendo, como sei, quanto os nossos Leitores se regozijam com os passos felizes dos nossos Rapazes.

O António Alvaro foi emigrante na Holanda. Ali trabalhou durante anos com sua mulher e ambos conseguiram o pé-de-meia que lhes permitiu regressar com a certeza de um andazinho seu e o suficiente para poderem relançar-se ao trabalho. Compraram aquela loja perto da Tapada das Mercês, melhoraram-na muito e ei-los, de manhã à noite, sem horário de trabalho, granjeando o pão. Por isso, naquela tarde, lhe fui perturbar

o repouso que, nas horas mais mortas do meio-dia, ele toma para suportar depois a seroada que vem.

O Fernandinho foi ali parar pelas mãos do Eurico. Este foi de Paço de Sousa e tem um instinto refinado para descobrir galatos no pandemónio da grande Lisboa; e o dom maravilhoso de fomentar a unidade entre eles, com fundamento no passado comum. Eurico, no seu posto na Baixa Lisboa, é um centro onde se cruzam Rapazes que passaram pelas nossas Casas; onde sempre é provável saber-se do paradeiro de algum que há muito perdemos de vista.

Neste jeito, conheceu, não sei como, o António Alvaro. E ao Fernandinho — que esse, sim, acompanhou de pequenino — não deixou de o seguir. E agora o encaminhou para junto desse irmão mais velho que, como tal, o recebeu. Constatel isso mesmo com muita alegria; e só desejo que o Fernandinho, na verdura dos seus vinte anos, compreenda que pode ser ali não tanto um empregado como um membro daquela família trabalhadora onde, do bem-comum, poderá ele colher o seu próprio bem, assumindo responsabilidades, colaborando na medida dos seus dons.

Todos estes Rapazes tive-

ram e deram-nos suas dificuldades nos seus tempos de moços. Ao saírem de ao pé de nós deixaram-nos inquietação sobre o seu futuro. Por isso mesmo, maior é agora a consolação que nos trazem, a força que nos dão para suportarmos e superarmos os problemas sempre nascentes entre os que povoam nossas Casas em idades de crise como as que eles já ultrapassaram. Garantem-nos que vale sempre a pena esperar e que ninguém semela em vão se o faz rectamente intencionado e, mais ainda, se em nome de Deus, o Único que é Pai e de Quem toma razão de ser a nossa paternidade.

Mas não foi só esta consolação nestes últimos dias. Carta de Bremen traz-nos notícias frescas do Zé Ferreira, sobre o que tem sido a sua vida por lá e o que ele pensa que vai ser por cá quando, dentro de meses, voltar à Pátria:

«Viver num século como o presente e por companhia diária ter Pai Américo durante 10 anos, é muito mais instrutivo e educativo (e não muito difícil de transpor para o quotidiano) do que doutrinas actuais que levam povos de brandos costumes a declaradas greves selvagens que arrul-

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ Pela idade, pela solidão, por carências materiais, já lhe botamos a mão há uns meses. Um problema da terceira idade. Está, pois, abrangida pela *pensão social*, que requeremos oportunamente — mas ainda não chegou. Se fosse estar à espera — como sucede noutras pensões — bem morreria de doença, de fome! Iamos para sua casa, mas adiantou-se e vem ao nosso encontro! Faz pausa no sopé de um singelo cruzeiro de granito que, noutros tempos, ao longo dos caminhos, eram lugar de meditação em vias-sacras.

Geme então as suas dores, aos pés da Cruz do Senhor — Defesa dos crucificados:

— Diz o médico q'ê dos nervos... São os anos, o caruncho... Deus m'ajude!

Naquele Monte do Calvário ouvimos..., sem dar fé dos passantes. Depois, com a bolsa quente, ela segue, coxeando, para casa — que dali se avista como numa cascata! — arrastando a sua cruz como pode e sabe — como muitos de nós outros jamais conseguiríamos! — oheia de paciência, resignação e santidade!

■ Aquele Viúva de muitos filhos doentes mentais — que ajudamos há muitos anos — e que deixou de estender a mão na via pública, após o benefício de duas pensões, arrancadas a ferros!, que lhe dão o mínimo de subsistência — revela-nos, com naturalidade, diríamos sem dor!, as peripécias a que foi obrigada para a junta médica confirmar, no Porto, a incapacidade dos filhos, em função dos respectivos subsídios!

Como ela é, de facto, uma das Sem-voz, frizamos as picuinhas de certo regulamento que tortura cidadãos doentes e colide, mesmo, com a idoneidade de outros departamentos de saúde oficiais — onde jazem pacientes incuráveis até ao fim do seu calvário.

■ Era vendedeira ambulante. Chegou a ter um veículo! Mas, um dia, surge uma doença — somada a outras, congénitas, — e é o descalabro!

Entretanto, aparece de saqueta na mão, vestida de dó — como uma Viúva. Conta a sua história, serenamente. Não disse tudo. Não puxámos por ela... Ouvimos só o que achou por bem dizer, tudo emoldu-

rado num sorriso permanente, qual prova de que algo de anormal subsiste — mesmo sem diagnóstico médico.

— 'stou farta de gastar dinheiro em rumédios!... Preciso da vossa ajuda...

Mostra uma data de receitas!

— 'tá a ver!? Não aganto andar por lá, na volta, com as miudezas! E, adei, já não tenho nada de nada p'ra vender...! Tudo s'acabou!

Mais um problema, em nossas mãos!

PARTILHA — Oeiras, «migalhina de Agosto»: 100\$00. Amilcar e Júlio, de algures, entregam cinco contos mais um, de passagem por Paço de Sousa. Assinante 27385, que assina «Uma lisboeta», volta agora com generosa presença «para ajuda dos casos mais prementes e urgentes». Uma remessa, simpática, de Mem Martins. Assinante 25660, de Vila Nova de Gaia, manda um cheque e deseja saber se o dito chegou — para «ter a certeza de que a minha partilha não é inútil». Já aliviou necessidades! Do nosso Elísio: 300\$00. Toma lá um xi coração. Outro cheque, pela mão de um «Casal de Aveiro» — que deseja «conservar o anonimato». Esta é a *procição* dos Anónimos! Mais uma cara conhecida — e amiga — leva no coração uma «pequenina quantia (mil escudos) para uma Viúva muito pobre (promessa que fiz). Tenho agora menos disponibilidades e peço orações». Levantemos os olhos ao Céu!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

MOMENTO AGRADÁVEL — O nosso Lito, o mais pequeno da nossa Aldeia, andou a gritar «viva o Benfica!», no domingo à noite, fascinado com a vitória do Benfica! É claro, todos os «Batatinhas» partilharam da alegria do Lito.

VERÃO — Não há dúvida, temos aguentado um Verão morno e chuvoso! No entanto, a nossa piscina continua a ser palco da alegria dos mais pequenos... e dos maiores. Ao fim da tarde, depois das 18 horas, todos se encaminham para a banheira com muito entusiasmo.

FÉRIAS — Falar de férias é falar de praia, uma vez que as gozamos

à beira-mar, em Azurara (Vila do Conde).

Já partiu o quarto turno. Alegria para o que vai, tristeza para o que regressa!

As férias são um consolo para os trabalhadores-estudantes, para todos aqueles que, durante o ano, se dedicam ao trabalho e ao estudo.

(PATOS — Eles são um primor! Assim como os nossos «Batatinhas», eles têm o seu chefe que lhes indica o caminho. É o maior, entre os seis, que serve de pai.

A propósito: Se nós tivéssemos um pai ou pais em perfeitas condições..., talvez não houvesse tantos rapazes nas Casas do Gaiato...

DESPORTO — De 27 de Agosto a 17 de Setembro participamos num torneio organizado por uma colectividade local.

Os nossos atletas, entre um grupo de 60, venceram a prova de 6.000 metros.

Como, entretanto, chegou o Alvaro, é de crer que os nossos rapazes consigam mais brilharetes, noutras provas. Diremos, a seu tempo.

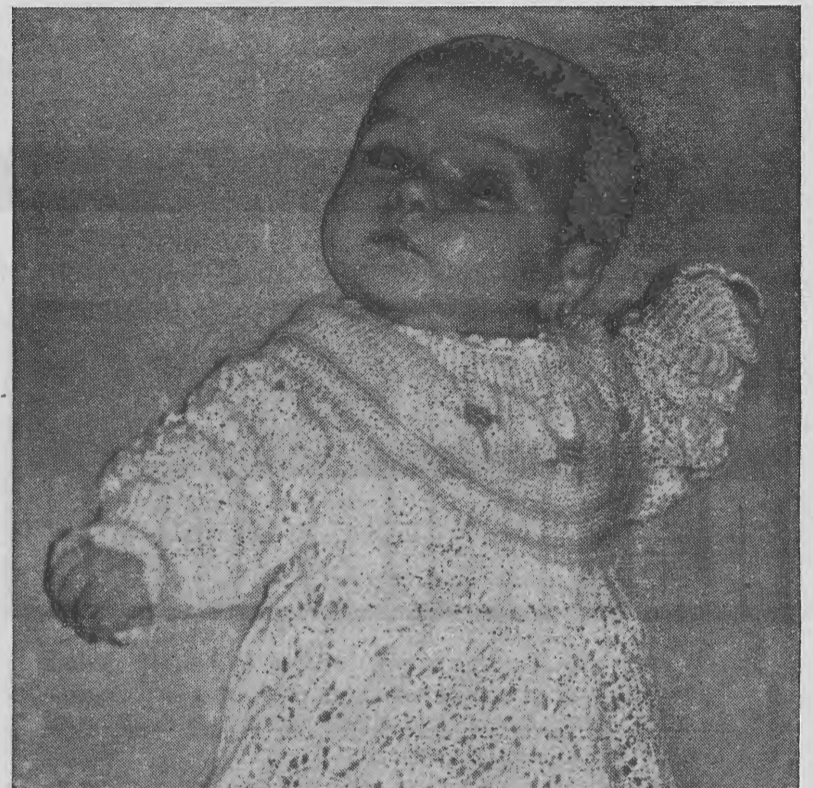
Fernando Silva

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Já anteriormente vos tínhamos falado de um casal, que veio passar quinze dias a nossa Casa, ajudando em nossos trabalhos. Resumimos um pouco, quanto a eles e às suas qualidades. Resta juntar que o marido, além de nos ajudar na carpintaria, sabe o indispensável de electricista, é Engenheiro, provocando com isso algumas alterações na nossa rotina diária dos tempos de férias.

Foi a construção do novo sistema de aquecimento de água a lenha, substituindo assim o termo-eléctrico que exercia essa função, e que além de gastar muita electricidade, fornecia menor área de água quente. A construção do novo sistema de aquecimento de água é um plano deste senhor que, como atrás se diz, é Engenheiro, e foi posto em funcionamento com a ajuda de alguns dos nossos rapazes.

Durante alguns dias estivemos ocupados com a realização deste trabalho, que só se deu por concluído e experimentado no último dia em que tivemos o sr. Engenheiro e a mulher entre nós. Não foi em vão que



Filha do Meno — que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa — e da Emília.

eles estiveram, estes dias, ocupados com este trabalho. Conseguiram realizá-lo e com sucesso. Parabéns!

DESPEIDADA — Muito rapidamente passaram os quinze dias de férias que este jovem casal decidiu passar connosco — ajudando-nos — e nós gostámos de o ter entre nós. Que lá na sua casa, perto de Porto de Mós, saibam que ficaram aqui muitos rapazes desejosos que voltem, pois a sua passagem, por nossa Casa, deixou-nos umas pontinhas de saudade.

Entre vós leitores, esperamos que algum casal mais ousado se decida a seguir o exemplo deste — que muito nos honrou com a sua presença.

AGRICULTURA — A nossa agricultura não tem sofrido grandes alterações, neste Verão. A fruta continua a ser o «prato forte» dos nossos trabalhos e, também, das nossas refeições. As maçãs já se comem, as peras só temos as de Inverno e os pêssegos já se foram! Também as uvas já estão coloridas e excitam a gula de alguns mais atrevidos.

O milho foi despontado e desfolhado; e, agora, esperamos que seque para apanharmos a espiga. É um trabalho árduo, o cultivo dos nossos milheirais, sobretudo nos dias de sol e calor, em que o suor, mis-

turado com a poeira, nos faz uma comichão incomodativa.

NOVOS — Quase todos os meses aparecem caras novas, em nossa Casa! O último foi o Jorge, de Angola, com 16 anos e estudante no 7.º ano de escolaridade.

É sempre bem acolhido um «novo», em nossa Casa; um acolhimento parecido com o nascimento de mais um membro no seio de uma família.

Pois que o Jorge veja um lar em nossa Casa — que agora também é sua.

SUBSTITUIÇÃO — O sr. Padre Horácio fez uma peregrinação a Roma, durante dezassete dias, com três dos nossos já casados e mais directamente ligados a nossa Casa, e ainda outro rapaz que é chefe dos trabalhos e deles faz a distribuição pelos rapazes.

Durante o tempo em que ele esteve fora, foi substituído pelo sr. Padre Telmo e Padre Moura, da nossa Casa de Paço de Sousa, para nos orientarem nos dias da sua ausência.

Que eles tenham feito uma boa peregrinação é o que desejamos, assim como os que tenham que fazer alguma viagem longa, ou uma peregrinação idêntica.

Chiquito Zé

Partilhando

Cheguei ontem, à tardinha, a Miranda do Corvo. Aqui o berço da nossa Obra! Mal sai da carrinha, o Tonito — chefe maior — apareceu para me cumprimentar. E me orientar, E também me dar contas da Comunidade a que pertence e preside — na ausência do seu P.e Horácio.

À noite, após o jantar, avisa que dois pequenos não estavam na mesa e pergunta se sabiam deles. Alguém levanta o braço e diz: — Eles disseram

que iam fugir e se eu queria ir com eles...

A época de Verão é propícia a fugas. Um deles era vendedor d'O GAIATO na Beira Baixa, onde nos encontramos, hoje, nesta missão de divulgação da nossa vida através do jornal. E, aqui mesmo, aos pés da maior serra de



O desporto ocupa os tempos livres de qualquer uma das nossas Comunidades



Do que nós necessitamos

Saibam todos os nossos Amigos que andamos, há bastante tempo, a remodelar as nossas casas na Aldeia de Paço de Sousa. É uma luta constante para podermos ter tudo mais ou menos limpo. Quando chegamos a uma ponta, temos que recomeçar na outra! E os vossos contributos ajudam a levar a cabo as empreitadas.

De Aveiro, 250.000\$ para nós e para o Calvário. Adélia F. Freitas com pedido de orações, 6.000\$. Todos rezamos pelos nossos benfeitores. Alcina Ferreira, 7.000\$. Maria Júlia, da capital, 10.000\$. Assinante 26543, 5.000\$, para compartilhar conosco o aniversário do seu casamento. Uma Maria, de Espinho, deixou no Espelho da Moda 10.000\$. Uma Amélia, do Porto, com 500\$. Emília F. Graça, 1.500\$. Por alma dos seus queridos falecidos, 2.000\$. Assinante 24025, 200\$. M. Patrícia, 25.000\$. Da Rua do Bonjardim, Porto, 100\$. José Brás, 850\$. Seminário das Missões, 500\$. Um casal de desalojados de Angola e que agora já vive melhor, 4.500\$. Uma presença de Nisa com a sua primeira pensão: 4.500\$. Uma anónima, 150\$. Não sei de onde, outra pensão de sobrevivência: 2.408\$. São po-

Portugal, escrevo estas linhas.

Levantámo-nos muito cedo, com as estrelas ainda no céu. São quatro horas de carrinha, a andar por estradas boas e más, no meio de serras com pinheirais e nevoeiro. E o sol acaba por nascer quando descemos para um vale, daqueles bonitos, já longe da nossa Casa. «Fadigas» — o mais velho dos vendedores — é o meu cicerone: — Agora vire à direita, agora à esquerda. Era a segunda vez que eu vinha às Beiras.

Neste momento, andam eles pela cidade, vilas e aldeias onde os deixámos a chamar a atenção das pessoas para o Bem que há no mundo. Eles são já uma parte desse Bem. Por eles é que o jornal sai à rua, para logo entrar na casa e vida de quem o recebe bem. Eles o fazem, entregam e motivam. E vós o recebeis e os amais ainda mais...

Aquele pequenito, mulatinho, que ficou sózinho, no Fundão, a distribuir os seus jornais e os do colega que fugiu ontem, não é razão para o estimarmos ainda mais?

São estes os casos — parcelas da nossa verdade — que vamos escrevendo com alegrias e dores, ao mesmo tempo. Hoje, aqui, debaixo dos ramos de umas tileiras fresquinhas, ao lado do cemitério da Covilhã, enquanto espero por eles, para o regresso a nossa Casa, em Miranda do Corvo.

Padre Moura

bres a ajudar outros pobres. Parede, a mesma quantia, pelo mesmo motivo. Temos, depois, Brás Pinheiro com 300\$. Avó de Sintra, 5.000\$ com muito carinho, como só as avós o sabem dar. De quem pede orações pela família, que labuta em terras distantes para o sustento dos seus, 1.000\$. Cheque 239094 sobre a Caixa G. de Depósitos, 18.000\$. Mais 20.000\$. Alda Velez, de Ferreira do Zêzere, pede desculpa pelo interregno e manda 5.000\$. Um anónimo, com desculpas pela insignificância, 500\$. Uma mãe, de Avança, em acção de graças pela formatura do filho, 20.000\$. Laura R. Girão, 10.000\$. Anónimo, do Porto, 2.500\$. M. L. C. Peixoto, da mesma cidade, a mesma quantia. 5.000\$ de quem anda muito triste, mas quer que os nossos rapazes fiquem alegres e felizes. R. A. Fontes, 100\$, com muita pena de não poder mandar mais. Por a filha ter arranjado emprego, 1.600\$. Abrantes, 2.000\$ Empregados do B. B. I., 45.000\$. Mais uma carta de M. F. Alves pedindo desculpa por faltas de presença: 2.500\$. Por alma de José A. Bastos, Teresa Pinto, José Monteiro e Ana B. Monteiro, 30.000\$. Empresa «Majora», jogos para os nossos pequeninos. Viúva de José Portela, 1.500\$. Mais 5.000\$ de uma mãe, do Porto, aflita com a vida de seus filhos. Ainda da cidade invicta, mais anónimos: 100\$, mais 500\$, mais 25.000\$, mais

230\$ e ainda 8.500\$. De Linda-a-Velha, 2.500\$. No nosso Lar do Porto, muitas presenças: Isaura Correia, 300\$; Eduardo Silva, 500\$; outro tanto de Adelino Gonçalves; o dobro de António B. Costa; mais 900\$ de uma mãe de Ermesinde e 100\$ de seu filho. Mais 250\$ e mais 500\$ e mais 1.500\$. H. M. F. B., de Aveiro, 1.000\$. Para um gaiato, que poderia ser um de nós, 1.000\$ e mais 1.000\$ com abraços para toda a Família

Gaiata. Helena Cunha, por aumento de vencimento e retroactivos, 14.000\$. Delfim Almeida, 5.000\$. Nossa Amiga já antiga, 100\$. Maria de Fátima, para que Deus ajude todas as crianças do Mundo e não permita que sofram, 1.000\$. Outra anónima, de Espinho, 500\$. Mais o dobro de duas irmãs cinfanenses. Maria José, 2.000\$. Hotel Imperial, de Aveiro, 5.000\$ e muito carinho e sempre muita alegria nas ofertas. Mais 5.000\$ de M. B. Teixeira. De Baguim, 1.000\$. Funcionários do Departamento da Indústria Têxtil, 11.540\$. Empresa de Malhas S. Jorge, 10.000\$. Joaquim Gomes, de Vila do Conde, 1.500\$. Rogério Simões, para que a nossa Obra continue a seguir o pensamento de

Pai Américo, 5.000\$. Uma grande Amiga da Obra da Rua, em Ermesinde, 10.000\$. Mealheiro da Escola de Condução Vimaranesse, 7.987\$50. Novamente, de Ermesinde, por mão de Arménio Ramos, 2.500\$. Por alma do assinante 7193, 1.500\$. Uma senhora da Rua de Cedofeita, por intermédio de um nosso Amigo de Ermesinde, mais 500\$. Alunos da 2.ª classe da Escola Primária de Ceia, produto de algumas guloseimas, que deixaram de comer durante um mês: 480\$. Aida B. Peixoto mais 6.000\$. Por intermédio da amiga Rosa, de Ovar, 4.000\$. Mais 500\$ do assinante 25081. Pensando no nosso semelhante, Deus pensa em nós.

Fernando Dias

Lar Operário em Lamego

Aqui Samodães

❑ Não demos férias no Jardim Infantil. As Educadoras ausentaram-se para um merecido repouso, mas recorremos aos tempos livres dos estudantes, que nos vieram ajudar. Continuamos, pois, a receber os pequeninos por amor deles e dos pais. Sabemos que as crianças têm mais atenções no Jardim e isto é uma força para fazermos os maiores sacrifícios. A obra nasceu por amor deles.

É verdade que os pais ficam mais desembaraçados para os seus trabalhos domésticos, ou agrícolas; todavia, temos particularmente diante de nós as boas maneiras, a educação, a alimentação adequada e o bem-estar das crianças.

No Jardim Infantil não houve férias. Mais despesas? Mais preocupações? — Sim; mas esperamos também um maior aproveitamento social e moral no dia de amanhã. O que semeamos, pode não chegar a nascer; mas, o mais verdadeiro, é que nada teremos se por nada nos interessamos.

❑ Vão aparecendo Amigos do Jardim. Do Caramulo, dois contos a indicar que era para as férias. O Porto esteve presente com 5.000\$, mais 500\$, mais 1.000\$. Chegaram, também, alguns a quem damos o nome de **padrinhos**. Desta vez quatro a 2.700\$ cada um. Acertou-se que para ser **padrinho** ou **madrinha**, era preciso dar 450\$ por mês, durante meio ano. Esta importância correspondia ao abono de família que os pais dão. Agora, porém, já passou para 550\$. É só isto que se exige para todas as despesas que as crianças fazem no Jardim. Não queremos louvores nem agradecimentos, mas desejamos que as famílias compreendam o **simbolismo** da cooperação e nos confiemos os seus filhos. A quem tiver dois, ou mais, em idade de frequentar o Jardim, só dá a colaboração para um. O outro, ou os outros, terão **madrinhas** generosas que aparecem no fim do mês.

❑ Para a construção do Jardim Infantil foi preciso

recorrer a vários processos que tocassem os corações, e conseguirmos o indispensável para a obra. As respostas vieram generosas: em dinheiro, selos usados, diversos objectos e uma libra em ouro, que foi sorteada, a seu tempo, tendo sido contemplada a sr.ª D. M. Pinto, de Lisboa, que voltou a oferecê-la.

Vamos sortear, novamente, a libra em ouro. Desta vez, não para o Jardim Infantil, mas para este colaborar com outra obra de grande alcance social e firmar assim uma verdade: **os pobres podem ajudar outros pobres**.

No fim, estamos convencidos que Samodães, com todas as suas obras, vai tirar proveito desta participação. Damos hoje, para receber amanhã. Aqueles que há vários anos, mesmo sem conhecer Samodães, começaram a dar-nos as mãos, vão pedir, na volta do correio, os bilhetes da **libra em ouro**. Se assim não for, em Outubro levamo-la ao Banco.

Obrigado.

Padre Duarte

Correspondência de Família

O postal ilustrado mostra a zona do Barredo (Porto). E o texto diz assim:

«Toma sobre ti mesmo a culpa dos males que afligem o nosso tempo; e repara, fazendo hoje todo o bem que puderes às classes chamadas baixas — tão altas e até mais altas do que tu!» (Pão dos Pobres — 1.º vol.)

Quem melhor do que eu para compreender esta Doutrina? Teoria e prática!

Segue vale do correio para os Pobres.

Só aqui soube que, com três anos de idade, não tive vaga na Tutoria — mas acolhimento na Casa do Gaiato de Paço de Sousa!

Hoje, com a vida em situação de impasse..., espero dias melhores! Ou já nasci para isto? Olho para a minha filha e digo-lhe:

— Herda o que quiseres de mim, menos o sangue vadio, maltês, vagabundo...!

Felicidades para todos! Um abraço amigo do

Elísio»

Autoconstrução

Nós ouvimos a breve intervenção de um homem público do meio rural nortenho, que fazia, implicitamente, a veemente apologia da Autoconstrução, contrapondo-a às **florestas de cimento** que já invadem, também, pequenas e grandes urbes do interior, com todos os problemas daí inerentes.

Sendo aquela zona rural de pequena indústria, de trabalhadores do sector primário, ele disse que não há nada que chegue às casas unifamiliares ou geminadas, com seu jardim, quintal e capoeira para autoconsumo, tratados pelo traba-

lhador e seu agregado (o bife já está a cerca de 1.000\$00 o quilo...); todas as vantagens e virtudes pedagógicas para a Família — e riqueza para a Nação.

Que oportuna acção, municipalista, seria lotear, com o mínimo de infraestruturas — e a preços económicos — montes e montados desde sempre incultos! Seriam mais rentáveis que a mato e lenha... Diminuiriam a procura de **habitação social** e — falamos do interior norte — motivariam, ainda, mais acções de Autoconstrução! Quando se analisará, seriamente, este ponto que — di-

ria Pai Américo — seria outro ovo de Colombo?

As ideias expressas por aquele homem bom — de sentido humanista — estão na linha filosófica da Autoconstrução. Folgamos por os responsáveis locais estarem a abrir os olhos para o País real. É necessário, porém, descender **todos** ao rés-do-chão para que haja mais e mais deles motivados para o problema da habitação dos meios rurais — com realidades diferentes dos grandes meios urbanos.

Quando se atingir esta me-

Cont. na 4.ª página

Seus Caminhos são de Esperança!

Nunca houve homem que respeitasse os outros como este Homem — JESUS CRISTO!

Para Ele, o outro é sempre mais e melhor do que aquilo a que vendem reduzi-lo as ideias recebidas de fora, mesmo que vindas de Sábios e Doutores. Ele vê sempre no outro que encontra, um lugar de esperança, uma promessa viva, um extraor-

DOCTRINA

● A Caridade não se apaixonou; compadece-se. Segue de muito pertinho os golpes que o nosso bom Deus lança, por vezes, no regaço de certas famílias e associa-se a elas, padecendo até ao fim.

● As horas de gozo imenso de Vicente de Paulo, tamanhas que ainda não terminaram, foram vividas em minutos e segundos, no regaço da miséria alheia, dentro dos muros de Paris.

● E essas horas são nossas, esperam-nos: Na traqueira do vosso prédio; o vizinho em frente; aquela família que mora em baixo — tudo horas de gozo infinito em apelos vivos à tua caridade. Goza assim a vida... amando.

● Senhor! Que eu salba sempre pegar na vida dos Pobres com jeito e com muito amor, assim como quem abraça cibórios de Pão Vivo, rentinho ao coração!

● Os ricos, se quisessem, podiam, pela Caridade, conquistar o Céu em batalhas de flores, sem violência nem penitência — caminho dos pobres mortais.

● Quão fácil lhes não seria peregrinar na abundância, deixando cair migalhas no selo do próprio Cristo, escondido por detrás dos verdadeiros Pobres, a pedir do que é Seu... para que o mérito seja todo de quem dá! Misericórdia!...

● Sim. Em piso de conforto, sem jamais conhecer os trabalhos da gente pobre, os ricos podiam, se quisessem, forçar as portas do Céu pela Caridade, porque a esmola dada por amor de Deus também é Sacramento!

● Aquele homem rico da fábula que mandou fazer uma casa forte para guardar seus cabedals, com porfa falsa só dele conhecida, um dia entra a fazer balanço, gozar seus dinheiros, lançar programas de vida, epulare; e vai, a porta fechada de repente! Qui prodest? Para que presta o dinheiro? Morreu tisonado ao pé dele!

D. Amén!

dinário possível, um ser chamado — para além e apesar de seus limites, pecados e até crimes — a um futuro todo novo. Acontece-Lhe mesmo discernir aí algumas maravilhas secretas, e a sua contemplação mergulha-O em acção de graças.

JESUS NÃO DIZ: — Esta mulher é leviana, frívola, maluca, está marcada pelo atavismo moral e religioso de seu meio. Numa palavra: é mulher! Ele pede-lhe um pouco de água e mete conversa com ela.

JESUS NÃO DIZ: — Ai está uma pecadora pública, uma prostituta mergulhada na lama do vício. Para Ele, ao contrário, esta mulher tem mais possibilidades para o Reino de Deus que tantos a viver amarrados à sua riqueza ou embuçados na capa da sua virtude e do seu saber.

JESUS NÃO DIZ: — Adúltera: eis tudo! Ao invés: «Eu não te condeno. Vai. Não tornes a pecar».

JESUS NÃO DIZ: — Aquela que me tocou no manto, é uma histérica. Mas escuta-a, fala-lhe, cura-a.

JESUS NÃO DIZ: — Esta velha que mete a sua oferta na caixa, para as obras do Templo, é uma supersticiosa. Mas diz que ela é extraordinária e que seria sumariamente bom que outros imitassem o seu desprendimento.

JESUS NÃO DIZ: — Estas crianças não passam de maltrapilhos da rua. Ele diz: Deixai-as vir a Mim e não as impeçais.

JESUS NÃO DIZ: — Este homem não passa de um funcionário nojento que enriquece, adulando o poder e sugando o sangue dos Pobres. Faz-se convidar para a sua mesa e ali afirma que a Salvação entrou naquela casa.

JESUS NÃO DIZ (como fazem aqueles que O rodeiam): — Este homem está a pagar as suas faltas e as dos seus maiores. Diz,

antes, que erram a este respeito e espanta a todos — apóstolos, escribas e fariseus — afirmando abertamente que o homem goza do favor do Céu: — «É preciso que nele se manifestem as obras de Deus».

JESUS NÃO DIZ: — Este centurião está a manter a ocupação de uma terra que não é sua. Mas diz: Nunca vi tanta fé em Israel.

JESUS NÃO DIZ: — Ai está um sábio que não passa de um intelectual. Mas abre-lhe o caminho para o renascimento espiritual.

JESUS NÃO DIZ: — Este homem paga o que fez contra o direito e a justiça. Diz-lhe, porém: «Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso».

JESUS NÃO DIZ: — Judas: traidor... Abraça-o e diz-lhe: «Amigo, a que vieste?»

JESUS NÃO DIZ: — Este fariseu não passa de um renegado. Diz-lhe, sim: «Pedro, tu amas-Me?»

JESUS NÃO DIZ: — Estes sumos sacerdotes são juizes iníquos; este rei não passa de um palhaço; este procurador é um poltrão; esta multidão que me insulta, não é mais que canalha; estes soldados que me vilipendiam, são executores cegos. Mas Ele diz: «Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem».

JESUS NÃO DIZ: — Nada de bom há neste homem, nem naquele, nem neste ou naquele meio. Em nossos dias, Jesus não diria nunca: — Ai está um integrista ou um modernista. Este é da esquerda; aquele é um fascista ferrenho. Aqui está um malcriado, um hipócrita... Para Ele, os outros — sejam eles quem for, não importa os seus actos, o seu estatuto, a sua condição ou reputação — são sempre seres amados por Deus.

Jamais homem algum respeitou os outros como este Homem. Ele é único. Ele é o Filho único d'Aquele que faz brilhar o sol sobre os bons e sobre os maus. Senhor JESUS CRISTO, tende piedade de nós, pecadores! Mons. A. DUCOURTRAY, bispo de Dijon

Adaptou: M. Vaz

Autoconstrução

Cont. da 3.ª página

ta — que não é utopia — a face do País será bem melhor, com menos barracos, barredos, migrações internas; menos clandestinidade no sector da construção... Até porque — afirma o Padre Fonseca, de Aguiar da Beira — a «Autoconstrução quer ser um dos meios para o maior número de famílias — de todas as famílias mesmo — terem a sua própria casa. Casas para trabalhadores pelos próprios trabalhadores, ajudando-se uns aos outros em autêntica cooperativa de construção, com a ajuda, o apoio de um bom número de amigos. Mas sempre, sempre, sempre à base das leis vigentes. Sempre e em toda a parte. Só assim.»

Ainda agora demos um pequeno auxílio a um funcionário público, cuja moradia se tem arrastado — como é normal em Autoconstrução. Poderia viver na cidade, ocupar

parte de um andar em uma torre de habitação social, sem jardim, sem horta, sem galinheiro — morta... A vida é outra, porém, em todo o sentido, na terra onde nasceu e cresceu! Ainda que nesta fase, como é lógico, seja um crucificado, para chegar onde chegou — com a ajuda de amigos e familiares!

Outro Autoconstrutor — cuja acção também decorre dentro da legalidade — numa vaca entre companheiros de trabalho, beneficiou de um valioso prémio. Moço sensato, fixou o exemplo de alguns vizinhos já com o ninho construído. Prémio na mão, compra um lote, aprovado, inicia processo oficial de construção, motiva um grupo d'ajuda e, nos tempos livres deste Verão morno, levanta a moradia até à última laje, pronta a ser telhada!

— Já foi todo o dinheiro...! Agora, quem dera uma ajuda pra telha! Vem lá o Inverno... Casa coberta, a gente pode ir

NOTAS DA QUINZENA

Continuação da primeira página

● O grau de interesse e importância que nós pomos nas coisas é, muitas vezes, calibrado pelos prismas materiais e conceitos correntes.

Pois, também no nosso relacionamento com as crianças, vamos impondo, até insensivelmente, os defeitos e as mazelas da nossa sociedade.

E eis-nos:

A encher os quartos dos filhos com montes de brinquedos, quase sempre escolhidos por nós.

Estantes de livros sem qualquer critério selectivo.

Tendência bem generalizada de fazer todas as vontades aos filhos.

Apetite e passos cronometrados... Bolinhos nos intervalos das refeições e, nestas, a canção e a historietta para o menino engolir a sopa às colheradas.

Quando a criança sai da idade, ou antes, da fase dos desejos satisfeitos e se apercebe que não pode ter tudo — entra no vazio. Ainda bem se os pais, então, reconhecerem que só brinquedos e vontadinhas não são afecto e ternura.

O verdadeiro amor nunca deve afastar os filhos da vida real dos pais, mas integrá-los.

E logo fazer compreender às crianças a vida real das outras crianças. Que não estão sós no Mundo e há milhões delas com carências de alimento e afecto.

Dos foguetes e romarias, vejam onde vim ter...! Faz tudo parte da nossa romaria, preocupações e caminhos.

Padre Telmo

Encontro de Família

Cont. da 1.ª página

nam o país que somos todos nós.

(...) Devo dizer-lhe que a minha vida na Alemanha foi sempre agitadíssima. Para além das minhas ocupações profissionais, sou colaborador, há já dez anos, de um Banco, ao serviço da emigração; e fundador e dirigente de duas casas portuguesas, aqui em Bremen, o Centro Português e a Associação Portuguesa, com outras tarefas dentro das colectividades, como estruturar e apoiar o Ensino aos filhos dos emigrantes, contactar autoridades de um e outro país, etc.

(...) Dentro de um ano vou regressar à casinha que, como sabe, comprei na Trofa e aí penso realizar trabalho na Empresa de quem me vendeu e num quinzénario local. Minhas filhas têm já trabalho. Há sempre trabalho para quem gosta de produzir!

(...) Brevemente, planearei melhor o tempo, a fim de reparar as faltas de um passado não muito distante, de quem, em miúdo, era irrequieto e indisciplinado. Ainda me lembro, na casa da lavoura, às duas da manhã, o senhor deitado na minha cama à espera que eu chegasse da desfolhada aonde eu tinha ido com a namorada. Hoje tudo mudou. O cabelo que, noutros tempos, saltava, por castigo, por cima da tesoura do barbeiro, pirou-se da minha cabeça para local desconhecido. A velhice acompanha o que ficou da emigração, restos de um cadáver que foi lançado, em Abril último, no desemprego.»

Aqui fica, a recordar pecados velhos e bons momentos também, este belo texto, outro documento das nossas compensações a que acima aludi.

Que Deus ajude estes e todos os nossos já na vida, a realizarem honestamente os seus projectos, amassados em suor e temperados de modéstia. Que estas regras sejam uma lufada de esperança para os mais novos que, nestes tempos difíceis, lutam pela descoberta de si-próprios e dos seus caminhos.

Nos nossos ouvidos ressoa a palavra de Pai Américo, plena de positividade, a fortalecer os nossos corações cansados:

«Que fosse um só que se salvasse... — teria valido a pena! Mas eles são tantos...! Mas eles são tantos!»

Júlio Mendes

Padre Carlos



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa